

ARTIGOS

OS CONCÍLIOS ECUMÊNICOS (II).

(Continuação).

V CONCÍLIO ECUMÊNICO — II DE CONSTANTINOPLA.

Constantinopla será o palco do V Concílio Ecumênico, o segundo realizado nesta cidade. Realizou-se em 8 sessões, de 5 de maio a 2 de junho de 553. Seu tema central foi a condenação dos **Três Capítulos** dos nestorianos.

Como dissemos anteriormente, o Concílio de Calcedônia não trouxe a paz desejada; tivemos 102 anos de expectativa, a espera de uma melhora geral, até que em Alexandria houve um levante sangrento, em virtude de um monofisita tornar-se patriarca. Seus companheiros ocuparam algumas sedes episcopais. Durante mais de um século os imperadores bizantinos esforçaram-se por dominar esta resistência. Foi proposta uma fórmula apaziguadora de unificação, o chamado **Henotikon** (45) em 482, tentaram até criar um cisma com Roma, o chamado cisma **Acaciano** (46).

(45). — **Henotikon** — édito publicado pelo Imperador do Oriente Zenão em 482, durante as lutas monofisitas. A intenção do Imperador foi reconciliar os católicos com os eutíquianos e estes entre si, bem como estabelecer a unidade religiosa no Império Romano do Oriente. O édito foi rejeitado por todos os católicos e pelo papa Felix III, o qual excomungou seus autores em 484, organizando-se assim o primeiro Cisma da igreja grega. Daí o aparecimento do **Henoteísmo** — sistema religioso que não admite mais que um só deus para cada povo, mas tantos deuses distintos, quantos são os povos existentes. O vocábulo foi introduzido por Max Müller, referindo-se à religião védica e considerando o henoteísmo como estágio inicial da vida religiosa. (Ostrogorsky, op. cit., págs. 91 e segs.).

(46). — **Cisma Acaciano** — Acácio-o-Trovão, bispo de Cesaréia, morreu em 365. Sendo sucessor do célebre Eusébio em 340, distinguiu-se por sua erudição e eloquência. Foi mutável em suas opiniões, pois que de ariano entusiasta passou a católico fervoroso e por último voltou a professar o arlanismo. Assim mesmo, foi um dos bispos que mais tenazmente combateu nos concílios de Rímíni e Selêucia, o símbolo de Nicéia. Finalmente, declarou-se a favor dos Amoneos ou arianos puros, propondo uma fórmula, a qual muito poucos aderiram, denominada Acaciana e segundo a qual o "pai era igual ao filho em vontade, mas não era da mesma substância". (Ostrogorsky, op. cit., págs. 93 e segs.).

O Imperador Justiniano (47) (vide fig. 9), que foi o restaurador do Império, mas cuja espôsa, a Imperatriz Teodora (48) (vide fig. 10), juntara-se secretamente aos monofisitas com o intuito de eliminar o ponto de resistência do Oriente contra uma possível reaproximação com os monofisitas. Justiniano matou politicamente Roma, dando grande importância ao patriarcado de Constantinopla (vide figs. 11 e 12).

Vigílio, que tinha sido legado papal em Constantinopla, finalmente declarou-se partidário da Fé de Calcedônia.

- (47). — Justiniano — Flávio Anísio Juliano, nascido em 482 na Dardânia duma família de camponeses da Ilíria. Foi protegido por seu tio Justino I, que o associou ao trono, sendo imperador de 527 a 565. Ajudado por hábeis generais, recuperou dos vândalos para o Império, a Africa, a Córsega e a Sardenha em 533-534; dos ostrogodos, reconquistou a Itália e Sicília em 535, e dos visigodos, uma parte da costa espanhola em 554. Venceu a sedição de Nika. Em sua política interna implantou o absolutismo, intentando reconstruir o Império em sua primitiva integridade, com completo domínio do Estado sobre a Igreja, procurando assim a unidade da fé, resolvendo pessoalmente as questões dogmáticas e dando início ao cesaropapismo (reunião numa só pessoa dos poderes civil e religioso ou união de ambos os poderes). Únicamente para com os monofisitas foi em parte tolerante, em virtude de sua espôsa Teodora, que exercia sobre êle grande influência. Nomeou uma comissão de juriconsultos que levou a cabo duas grandes obras: o Digesto (em 50 livros, compilação das mais importantes obras esparsas de outros juristas anteriores) e o Codex Justinianus. Publicou ainda os Instituta e umas constituições que chamou de Novellae. As quatro obras formam o Corpus Juris Civilis e compõem o Direito Romano tal qual como esteve em vigor na Europa durante vários séculos. Entre as obras materiais que se lhe devem, figura a reconstrução do templo de Santa Sofia de Constantinopla (que havia sido destruído por um incêndio), cuja arquitetura serviu de modelo para as mais importantes construções bizantinas, dando-lhes um caráter peculiar.
- (48). — Teodora — Imperatriz de Bizâncio, espôsa de Justiniano. Era atriz e filha de um guarda de ursos do Hipódromo. Inicialmente foi amante e depois espôsa do imperador, e segundo afirmações de seus contemporâneos, era de rara beleza. Desde o descobrimento da História Secreta de Procópio de Cesaréia (historiador grego nascido no início do VI século e falecido em Constantinopla depois de 562. Foi conselheiro de Belisário e o acompanhou em suas lutas e expedições. Chegou a ser senador e prefeito de Constantinopla. Sua história em oito volumes refere-se às guerras de Justiniano contra os persas, vândalos e gôdos. Num panegírico do Imperador refere-se às suas grandes obras de embelezamento urbano. Depois de sua morte apareceu com seu nome uma espécie de libelo sumamente curioso chamado Anedota, espécie de crônica panfletária dos personagens da corte de Justiniano). No XVI século, Teodora foi apresentada como uma vulgar cortesã, numa tentativa de desfigurar a grande imperatriz que ela foi realmente. Colaborou de modo constante na obra governamental de seu real espôso, de tal maneira que em muitas empresas de Justiniano descobre-se o talento e a sagacidade política de Teodora. Quando da famosa sedição de Nika em 532, deu mostras de grande energia, opondo-se à fuga de Justiniano, o que teria ocasionado a perda certa da monarquia. Depois de sua morte em 548, o imperador foi perdendo cada vez mais sua energia e abandonando suas tarefas do governo. Teodora, rodeada da majestosa pompa da corte bizantina, aparece em um dos mais belos mosaicos do VI século, que decoram o presbitério da Basílica de São Vital em Ravena.

Neste momento, alguém lembrou ao Imperador a possibilidade de golpear os líderes da velha escola antioquiiana, tentando uma aproximação com os monofisitas, ou quem sabe até conseguir reconciliá-los com Roma.

Sem perda de tempo Justiniano, através de um édito imperial, condenou:

- 1). — Teodoro de Mopsuéstia e seus trabalhos;
- 2). — as obras de Teodoreto de Ciro, nas quais atacava Cirilo de Alexandria e o Concílio de Êfeso;
- 3). — a carta do Bispo Ibas de Edessa, na qual defendia Teodoreto contra Cirilo.

Esta reunião, constante do Édito Imperial, passou para a História com o nome de **Três Capítulos**, contra os quais devia tomar posição e opinar o concílio imperial convocado pelo próprio Imperador, de pleno acôrdo com Vigílio (49). Foi êle então convocado para Constantinopla no ano de 553.

Na ocasião, o Imperador havia ordenado a completa destruição do império ostrogodo e a integração da Itália no Império Romano do Oriente.

Vigílio no momento, já não era **persona grata** do Imperador, assim ordenou que êle fôsse trazido à Constantinopla e tratado como prisioneiro. E' bem possível que o papa tivesse tentado atrapalhar a ação imperial na parte político-administrativa.

Ostrogorsky (50) descreve Justiniano como portador de uma personalidade forte, quando diz:

“L'Église chrétienne trouva en Justinien plus qu'un défenseur zélé, un maître. Aussi bien le chrétien Justinien demeurerait-il un romain, et l'idée d'une autonomie de la sphère religieuse lui était parfaitement étrangère. Il considèrait papes et patriarches comme ses serviteurs et il les traitait comme tels. De même qu'il assumait la conduite de l'État, il dirigea aussi la vie de l'Église, interve-

(49). — Vigílio — papa eleito em 537 por influência da imperatriz Teodora, esposa de Justiniano, em vida ainda do papa Silvestre, que foi desterrado. Uma vez morto Silvestre, no ano seguinte foi reconhecido por tãda a Igreja. A princípio resistiu à influência de Teodora, que esperava que este pontífice elevado ao trono pontifical por ela, fizesse uma política conforme seus desejos; porém, nas disputas dogmáticas que sobrevieram demonstrou certa independência, mas segundo alguns autores evidenciou “falta de caráter” e dobrou-se à pressão do imperador bizantino e de sua esposa, ocasionando uma profunda divisão nas Igrejas do Ocidente. Nasceu em Roma e morreu em Siracusa em 555.

(50). — Ostrogorsky, op. cit., págs. 107 e segs.

nant pessoalmente dans tous les détails de l'organisation ecclésiastique. Même dans les questions de dogme et de liturgie se réservait la décision; il dirigea les assemblées ecclésiastiques, écrivit des traités theologiques, composa des hymnes religieux. Dans l'histoire des relations de l'Église et de l'État, l'époque de Justinien marque le point culminant de l'influence impériale sur la vie de l'Église. Justinien a exercé dans l'Église un pouvoir illimité, tel qu'aucun empereur byzantin n'en exerça jamais avant ou après lui.

Vigílio consegue fugir para Calcedônia, donde retira sua promessa de participar do concílio, alegando temer que fôsse o mesmo dominado pelos gregos. Justiniano, sem sua presença, sem seu beneplácito e até com seu veemente protesto, faz instalar o concílio solenemente pelo patriarca Eutíquio a 5 de maio de 553.

Foi instalado no **Secretarium** da Igreja Episcopal, contando com a presença de 150 bispos, número êsse elevado para 164 nas atas da oitava e última sessão de encerramento.

Em 19 e 26 de maio, ou melhor nas 5a. e 6a. sessões, o concílio condenou os **Três Capítulos**, muito embora Vigílio tivessê em 14 de maio, através de uma declaração assinada por 16 bispos ocidentais, mantido distância da condenação de Teodoro de Mopsuéstia, bem como de Teodoreto de Ciro e Ibas de Edessa, conservando assim uma posição neutra.

Vigílio só veio aprovar a condenação dos **Três Capítulos** em 8 de dezembro de 553 e justificar sua atitude em 23 de fevereiro de 554, preparando-se assim para o reconhecimento do caráter ecumênico do concílio. Perante o mundo cristão, declarou que a Fé de Calcedônia não seria prejudicada.

Sòmente duas províncias eclesiásticas, a de Milão e a de Aquiléia, relutaram em reconhecê-lo como ecumênico. Isto foi conseguido em 607, quando o metropolitano de Aquiléia aceitou o cargo de patriarca, voltando assim para a comunidade com Roma.

Vamos ter uma nova tentativa de reconciliação dos monofisitas com a Igreja do Império, na pessoa do patriarca Sérgio de Constantinopla.

Êlé, partindo

“da unidade moral das ações do Deus-Homem, ensinou que Jesus Cristo tinha uma só energia natural como Deus-Homem e uma só vontade de Deus-Homem (monotelismo)” (50a).

(50a). — Jedîn, op. cit., pág. 36.



Fig. 9. — Ravenna. Basilica de São Vital. O imperador Justiniano com sua comitiva e São Maximiano (mosaico do VI século).



Fig. 10. — Ravenna. Basílica de São Vital. Teodora com o seu séquito (mosaico do VI século).



Fig. 11. — A Basílica de Santa Sofia. Apud História Geral das Civilizações. Volume 6. III, 1, págs. 16-17.



O IMPÉRIO DE

Fig. 12. — O Império de Justiniano em 565. Apud Louis



TINIANO EM 565

, Les institutions de l'Empire Byzantin. Paris. Albin Michel. 1947.



Fig. 13. — A coroação de Carlos Magno na Igreja de São Pedro em 25 de dezembro de 800 pelo papa Leão III. Apud Lello Universal, volume I, pág. 472.



10. L'EMPIRE DE CHARLEMAGNE.

Fig. 14. — O Império de Carlos Magno. Apud H. St. L. B. Moss, La Naissance du Moyen Âge. Paris. Payot. 1937, pág. 279.

Os severianos (51), que constituíam um grupo moderado de monofisitas, aceitaram sua doutrina; os partidários do Sínodo de Calcedônia, principalmente Sofrônio, patriarca de Jerusalém, fizeram forte oposição à formação do patriarca Sérgio, acusando-o de suspeito de compromisso anti-monofisita.

Em 638, o monotelismo é prescrito como lei imperial, tendo sido anteriormente aprovado pelo papa Honório I (625-638), assessorado pelo patriarca Sérgio.

O papa Martinho I, em 669, num concílio de Latrão, manifesta-se contra essa doutrina, em favor de “duas vontades naturais e dois modos de ação de Cristo”. Foi em virtude disso exilado para a Criméia, como réu que tivesse praticado crime de alta traição e foi aí que êle veio a falecer (52).

A política externa do Império vai revigorar a diretriz adotada em Calcedônia, quando sob o reinado de Constantino IV (53) os ávaros fazem pressão no Norte e os árabes no Oriente.

E’ então nesse momento que foi convocado pelo Imperador, de acôrdo com o papa Agaton (54), um nôvo concílio imperial para Constantinopla.

Para tanto, chegaram de Roma oito legados do papa, trazendo um manifesto do sínodo patriarcal romano, no qual foi exposta a doutrina ortodoxa.

*

VI CONCÍLIO ECUMÊNICO — III DE CONSTANTINOPLA.

Pela terceira vez Constantinopla foi escolhida para cenário de um concílio, que esteve reunido de 7 de novembro de 680 a

(51). — Seguidores de Severo de Antioquia, patriarca monofisita de Antioquia, nasceu em Sozópolis, na Pisídia. Depois de ter gozado a proteção de Teodósio, foi anatematizado no concílio de Eféso de 536.

(52). — Jedin, op. cit., pág. 39.

(53). — Constantino IV — Flavius — imperador bizantino chamado Pogonato, primogênito de Constâncio II. Reinou de 668 a 685, dividindo o império em 28 temas ou províncias. Defrontou-se gloriosamente com os árabes. Hubert Jedin, ou seu tradutor Nicolás Boer, enganou-se nas fls. 35 do seu livro, trocando Constantino IV por Constantino III, pois o último, Flavius Heraclius, imperador bizantino, nasceu em 621 e morreu em 641. Junto com seu irmão Heracleonas, subiu ao trono por morte de Heráclio, sendo envenenado no fim de três meses de reinado. Fêz-se notar por sua extrema avareza. Logo há um êrro de pessoa, pois o Concílio foi realizado de 7 de novembro de 680 a 16 de setembro de 681 (VI Concílio Ecumênico — III de Constantinopla) ou seja 39 anos após a morte de Constantino III, o que absolutamente não tira o valor da obra “Concílhos ecumênicos, história e doutrina”.

(54). — Agaton — nasceu em Palermo. Papa de 678 a 682, libertou o papado do tributo que pagava ao Imperador de Constantinopla, na ocasião de sua

16 de setembro de 681, sob a presidência dos legados papais, no palácio imperial.

O número de sessões atingiu a 16, sendo o monoteletismo e a “questão de Honório” (55), os assuntos em pauta do simpósio, o qual se desenvolveu sob a jurisdição de dois papas: Agaton e Leão II (56).

Compareceram ao conclave 174 bispos, muito embora os focos do monofisismo, representados pelos patriarcas de Alexandria e Jerusalém, não enviaram representantes, em virtude de estarem em poder dos árabes. Este concílio revestiu-se de muita pompa, e houve tal interesse por parte do Imperador que o próprio Constantino IV assistiu pessoalmente às onze primeiras sessões.

No decorrer do concílio foi examinada a “questão de Honório”; invalidados os argumentos dos monotelistas, representados no sínodo por Macário de Antioquia; foram, finalmente, na 13a. sessão em 28 de março de 681 condenados os fundadores e protetores do monotelismo.

No encerramento do concílio, que deu-se na 16a. sessão, à qual compareceu o Imperador, a assembléa aceitou uma confissão de fé, na qual declarava-se estar a doutrina de Cristo absolutamente de acordo com os cinco concílios até então celebrados.

Nesta condenação geral e ampla do concílio em tela, estava incluído o pontífice Honório I, questão, como veremos que ficou em suspenso até o século XIX, quando no primeiro concílio realizado no Vaticano foi definitivamente resolvida.

No concílio foi levantado o seguinte problema: qual a causa da condenação de Honório? Por ser partidário do erro ou por inadvertência ou descuido nessa questão de fé? Veja-

eleição. Posteriormente foi canonizado pela Igreja. Salvat, *op. cit.*, pág. 327, vol. I.

(55). — **Questão de Honório** — Pontífice romano, filho do cônsul Petrônio, nasceu na Campânia e foi o sucessor de Bonifácio V. Foi eleito em 625 e morreu em 638. Em cartas que escreveu ao patriarca Sérgio de Constantinopla em 633 e 634, parecia favorecer o monotelismo; desse fato tiraram partido os protestantes, jansenistas e galicanos para combater a infalibilidade pontifícia. Esta questão ultrapassa o VI Concílio e só será definitivamente resolvida no XX Concílio do Vaticano I (1867-1870), o qual declarou que o erro de Honório não havia sido dogmático e sim puramente disciplinar. Ostrogorsky, *op. cit.*, págs. 139 e 158.

(56). — **Leão II** — papa siciliano, sucessor de Agaton em 682, morreu em 683. Confirmou o VI Concílio e traduziu as atas do mesmo do grego para o latim, enviando uma cópia para os bispos da Espanha. Aperfelçou o canto gregoriano, instituiu o osculum pacis na missa solene e a aspersão da água benta no povo. Foi canonizado e sua festa é comemorada em 28 de junho. Salvat, *op. cit.*, pág. 702, vol. VIII.

mos o comportamento do papa Leão II: confirmou as resoluções do concílio, executando a sentença contra Honório; culpou seu antecessor somente por negligência na supressão da heresia.

Notamos que no V e VI concílios não foi estabelecido nenhum cânone disciplinar, razão pela qual em 692, ainda em Constantinopla, houve uma reunião sinodal que redigiu 102 cânones disciplinando a situação eclesiástica do Oriente, excluindo as tentativas de recuperação do Ocidente, tais como o primado romano e mais ainda os costumes, como por exemplo o jejum (57).

O papa Sérgio, embora sendo oriental, não reconheceu o concave em termos ecumênicos, ao contrário do que aconteceu com a Igreja grega.

Depois do concílio de Calcedônia, a Igreja oriental malbaratava seus esforços em pequenos problemas de cristologia, não tomando conhecimento do que se passava na parte ocidental do mundo.

O **limes** do grande Império, já obrigava vândalos e ostrogodos — reinos bárbaros que tiveram duração efêmera —, visigodos e lombardos e mais tarde o formidável Império franco.

O Islão entra na arena e conquista sucessivamente o Egito, a Síria, a Pérsia e o Norte da África, abafando e hibernando a civilização cristã.

Essas invasões, êsses novos contingentes humanos, vão trazer profundas modificações, especialmente no seio da Igreja.

Os bárbaros em geral, especialmente os gôdos e os francos, vão esboçando suas igrejas nacionais, embora conservando no início as características sinodais. Os reis merovíngios e mais tarde os carolíngios, introduzem sínodos do reino, muitas vezes ligados às dietas dos magnatas seculares, sem entretanto se identificarem com elas: como o **Concilium Germanicum** que celebrou-se em 743 e cujas promulgações passaram para a História com o título de **Capitularia** (58).

Observamos semelhante evolução entre os visigodos, desde sua conversão do arianismo para o catolicismo.

Os sínodos de Toledo, que até 702 já alcançavam o número de 18, foram todos imperiais.

(57). — Ostrogorsky, cit., pág. 110.

(58). — Capitular — nome dado às ordenanças promulgadas pelos reis francos das duas primeiras dinastias, assim chamadas porque eram divididas em capítulos. Ostrogorsky, op. cit., pág. 276.

O Estado e a Igreja estavam estreitamente entrelaçados, confundindo-se às vèzes, especialmente na França, porém de forma diversa do que se dera em Bizâncio.

Todos êsses reinos tinham esta forma sinodal, em virtude da impossibilidade de realização e validade no Ocidente de um concílio ecumênico.

A antiga Magna Grécia, antes esplendorosa, havia perdido sua total autonomia e a competência de qualquer atitude que ela devesse tomar deveria partir do Oriente.

*

VII CONCÍLIO ECUMÊNICO — II DE NICÉIA.

Nicéia pela segunda vez é escolhida para um concílio ecumênico. Êsse concílio realizou 8 sessões, no período de 24 de setembro a 23 de outubro de 787, e foram redigidos 20 cânones, sendo seu tema central: a **veneração das imagens**.

Como vimos, no concílio anterior apareceu no campo político um nôvo competidor — o Islão que arrebatou todo Norte da África e chega até aos Pirineus, perturbando e ameaçando o reino franco.

Na parte oriental do Império o Islão avançou em direção à capital, e só foi detido graças à estratégia do imperador Leão III (59).

Estavam formadas dentro do Império duas correntes: os iconoclastas e os favoráveis à veneração das imagens.

E' bem possível que Leão III se tenha deixado influenciar pelos iconoclastas e ainda quem sabe pelos próprios islamitas e israelitas. Através de um decreto imperial em 730, proibiu terminantemente êsse tipo de veneração. Baseou-se em parte no Velho Testamento (60) e também na impossi-

(59). — Leão III, o Isáurio, imperador do Oriente (717-741) nasceu em 675. Foi coroado imperador quando Teodósio III renunciou ao trono. Foi êle que inaugurou a dinastia isáuria, que reinou em Bizâncio durante o século VIII e princípios do IX. Deteve no Oriente a marcha do Islão que havia chegado até o Bósforo e salvou Constantinopla da ameaça árabe (717-718). Sua atuação frente ao avanço muçulmano no Oriente tem valor semelhante ao de Carlos Martel para o Ocidente: salvou a Cristandade do perigo islâmico. Empreendeu a reorganização interna do Império, restabeleceu a disciplina no exército, redigiu um nôvo Código mais em consonância com o espírito bizantino de então, que o de Justiniano, e, pelo édito de 726 contra o culto das imagens, abriu a querela iconoclasta, razão pela qual foi excomungado pelo papa Gregório II. Salvat, op. cit., pág. 701, vol. VIII.

(60). — Bíblia Sagrada. O velho e nôvo Testamento, Padre João Ferreira de Almeida. Sociedades Bíblicas Unidas, Rio de Janeiro, sem data, pág. 73 — Êxodo, 20, 3, 4, 5 e 6.

bilidade de expressar o verdadeiro Cristo por uma simples imagem. Representá-lo sómente em sua natureza humana seria recair em outro êrro, talvez maior — o nestorianismo, tão combatido nos concílios anteriores.

Somos levados mesmo a crer que Leão III tenha sido guiado pelos israelitas, pois na lei mosaica há duas partes distintas: a lei de Deus, promulgada no Monte Sinai (61) e a lei civil ou disciplinar, decretada por Moisés. Uma é invariável; a outra adaptada aos costumes e ao caráter do povo, modificando-se com o correr dos tempos.

Em virtude dêsse decreto imperial, muitas obras de arte foram destruídas.

Os defensores das obras de artes rebelaram-se contra tais atos de vandalismo, especialmente a destruição das imagens, e por isso foram perseguidos e depostos de seus cargos. Dentre os perseguidos podemos mencionar o patriarca Germano de Constantinopla (62).

O decreto imperial de Leão III em 730 gerou uma série de protestos: em 731 o do papa Gregório III; num sínodo romano em 754 e ainda num sínodo realizado em Hieréia, no Bósforo.

Em agôsto de 766 o imperador Constantino V (741-775), ao lado dos iconoclastas, mandou matar quase duas dezenas de funcionários e oficiais de seu palácio, todos partidários da veneração de imagens (63).

Mesmo assim a luta continuava entre as duas facções, só indo amainar quando a imperatriz Irene (64) assumiu a regência após a morte de Leão IV.

(61). — Vide Êxodo 20, 1, 2 até 6.

(62). — Patriarca de Constantinopla de 715 a 729. Ao ser executado seu pai por ordem de Constantino IV, o Pogonato, protestou contra o imperador, protesto êsse que lhe valeu uma cruel mutilação. Bispo de Cizico na Mísia (região montanhosa da Ásia Menor, entre o Helesponto hoje Dardanelos e o mar Egeu), tomou parte no Concílio de Constantinopla em 712 (não ecumênico), onde subscreveu a reabilitação do monotelismo imposto pelo imperador Filípico; porém ao ser transferido para a sede de Constantinopla, pela morte do patriarca João VI (715), sua primeira atitude foi condenar o monotelismo e dirigiu à Igreja armênia uma carta dogmática sobre as duas naturezas de Cristo. Ao romper a luta iconoclasta em 725, antes de subscrever o decreto de Leão III em 728, preferiu abandonar o patriarcado e o fez retirando-se para sua propriedade em Platanion. O Imperador fez queimar seus escritos, salvando-se muito poucos. *Salvat, op. cit.,* pág. 182, vol. VII e pág. 428, vol. IX.

(63). — *Ostrogorsky, op. cit.,* pág. 203.

(64). — Imperatriz do Oriente, morreu em 803. Espôsa de Leão IV, cuja morte prematura em 8 de setembro de 780, fez com que ela se encarregasse da Regência, por ter seu filho sómente 10 anos. Êste subiu ao trono com o nome de Constantino VI. Irene em plena luta iconoclasta, defendeu o culto das imagens. *Ostrogorsky, op. cit.,* págs. 206 e 207.

Irene tenta acabar com o iconoclastismo através de um sínodo, porém as raízes estavam muito profundas e a reunião malogrou...

“Le 31 juillet 786, le concile se réunit dans l'église des Apôtres à Constantinople. Les discussions avaient à peine commencé qu'un incident vint montrer l'insuffisance de toutes les mesures de précaution dont Irène et Taraise avaient entouré la préparation du concile. Fidèles aux décrets de Constantin V, des soldats des régiments de la garde de la capitale firent irruption dans l'église en brandissant leurs épées et dispersèrent le concile sous les acclamations enthousiastes d'une partie des évêques assemblés. Le courage de l'impératrice ne sa laissa pas abattre par cet échec. Sous le prétexte d'une campagne contre les Arabes, elle fit passer les troupes iconoclastes en Asie Mineure, cependant qu'elle faisait venir de Thrace des troupes favorables aux images et leur confiait la défense de la capitale. En mai 787 on lança de nouvelles invitations au concile, que devait se réunir cette fois à Nicée. C'est ainsi que le septième concile oecuménique — et le dernier reconnu par l'Église orientale — tint séance dans la ville même où s'était réuni le premier concile oecuménique sous Constantin le Grand” (65).

Irene havia nomeado Tarásio (66), partidário da veneração de imagens, para patriarca de Constantinopla; apoiada nê-le, conseguiu realizar em Nicéia o VII Concílio Ecumênico.

Este concílio realizou-se em 8 sessões, de 24 de setembro a 23 de outubro de 787. Anulou os argumentos extraídos da Bíblia Sagrada e da tradição eclesiástica em que os iconoclastas se baseavam e impôs, como doutrina de fé, a seguinte tese:

“E” permitida a representação figurativa de Cristo, da Mãe de Deus, dos anjos, porque, através dela, o fiel que a contempla se estimula a recordar e imitar o modelo representado. A veneração prestada às imagens (Proskynesis) relaciona o modelo representado ao pro-

(65). — Ostrogorsky, op. cit., pág. 207.

(66). — Tarásio — patriarca de Constantinopla, nasceu naquela cidade e morreu em 806. Depois da sua morte o patriarca Paulo IV, embora laico, foi designado pela imperatriz Irene para sucedê-lo, provavelmente por seus sentimentos favoráveis ao culto das imagens (784). Reuniu o VII Concílio em 787, no qual foi condenada a heresia dos iconoclastas. Mais tarde se opôs aos desejos de Constantino V de repudiar a sua mulher Maria para casar-se com Teodora, uma das camareiras de Irene, sua mãe. Deixou uma obra Discursos e Cartas. Salvat, op. cit., pág. 1018, vol. XI.

tótipo, ela deve ser distinta da adoração (*latréia*) que só se deve a Deus" (67).

Contra os bispos iconoclastas, agora arrependidos, o conclave agiu de maneira humana e suave.

A oitava e última sessão, de que participaram Irene e seu real filho, foi realizada no Palácio de Magnaura.

As resoluções do VII concílio foram subscritas, segundo Jedin por 300 bispos, entretanto, Ostrogorsky nos aponta o número 350 de bispos liderados pelos dois legados pontifícios enviados ao sínodo por Adriano I.

"Nada de nôvo foi ensinado" — diz o cronista Teófanos (68) resumindo o resultado do concílio — "só as doutrinas dos benditos padres foram conservadas imperturbavelmente e rejeitadas as novas heresias... Agora estabeleceu-se a paz na Igreja de Deus, embora o inimigo nunca cesse de disseminar, através dos seus auxiliares, a má cizania, mas a Igreja de Deus vence sempre, mesmo quando combatida" (69).

Realmente, o iconoclastismo vai reacender-se mais uma vez no IX século, para sucumbir definitivamente, depois de ter ceifado muitas vidas no Oriente, provocando guerras, derrubando reis e patriarcas, uma vez que no Ocidente essa doutrina sempre fôra rejeitada.

O Ocidente apreciou nas imagens o seu valor didático; elas são os "livros dos leigos" conforme disse Gregório Magno. Foram pintados ciclos inteiros de acontecimentos bíblicos nas paredes das igrejas, como os milagres de Cristo na Igreja de Oberzell junto a Reichenau (70).

Devemos também dizer que as atas de Nicéia chegaram ao Ocidente em traduções latinas inexatas. A distinção ali feitas, entre a veneração e a adoração, foi um tanto obliterada. Carlos Magno, que se considerava defensor da ortodoxia não menos do que o imperador bizantino, mandou combater os supostos erros bizantinos num escrito teológico polêmico,

(67). — Hubert Jedin, *op. cit.*, pág. 40.

(68). — Teófanos — Confessor e historiador grego (751-818), foi desterrado por Leão-o-Armênio para a ilha de Samotrácia. Deve-se a êle uma *Cronografia* que alcança do ano de 284 a 813. Foi canonizado pela Igreja, sendo escolhido o dia 27 de dezembro para sua festa. Salvat, *op. cit.*, pág. 1112, vol. XI.

(69). — Jedin, *op. cit.*, pág. 40.

(70). — Mosteiro situado numa ilha do lago Constança, Alemanha, cuja construção data do VIII século, célebre na Idade Média por sua escola científica e artística. Apud Salvat, *op. cit.*, pág. 1056, vol. X.

nos “livros carolinos” (**Libri Carolini**), que negavam o caráter ecumênico do II Concílio de Nicéia.

“Dans une polémique acerbe qui a trouvé son expression définitive dans les fameux Libri Carolini, Charles-Magne rejeta tant le point de vue iconoclaste du synode de Constantin V que l’attitude iconophile du concile de Constantin VI e Irène (71).

Carlos Magno pensou em opor-lhe um Concílio universal do Ocidente, realizado em Frankfurt em 794, ao qual compareceram bispos de tôdas as províncias eclesiásticas da França, dois representantes do Papa e bispos da Inglaterra.

Este Concílio foi presidido pessoalmente por Carlos Magno, o qual tudo fêz para que fôsem rejeitadas as decisões do Concílio de Nicéia de 787 e que se promovesse a excomunhão do imperador bizantino; entretanto, o papa Adriano I (772-795) (72) não atendeu a nenhuma das suas pretensões. Em breve a política externa ocidental fêz o Papado mudar de opinião.

No ano de 800, na Noite de Natal, Carlos Magno foi solenemente coroado imperador do Ocidente por Leão III, na Igreja de São Pedro de Roma. (Vide fig. 13). Assim estavam visivelmente afastados o Oriente do Ocidente.

O Papado, fraco, premido pelos lombardos foi abandonado pelo Império Romano Oriental, ao qual pertencia de direito. Durante o pontificado de Estêvão II, aliou-se êle a Pepino, fundador do reino carolíngio e entregou-se inteiramente à sua proteção. Em compensação, recebeu de Pepino aquella famosa doação de terras, base do futuro Estado Pontifício (vide fig. 14).

Adriano I foi o primeiro papa que não datou seus documentos de acôrdo com os anos de reinado dos imperadores

(71). — Ostrogorsky, *op. cit.*, 180, 213.

(72). — Adriano I — papa romano, de família nobre, que governou a Igreja de 772 a 795. Foi o nonagésimo sétimo papa depois de São Pedro. Em seu tempo continuou com Carlos Magno a estreita aliança que contrairá Pepino com Paulo I, que fôra quem prestara auxílio contra as depredações de Desidério, rei dos lombardos, exigindo dêste em 774 que devolvesse ao Papa as cidades de que se havia apoderado. Para isso transportou-se para a Itália através dos Alpes, bateu Desidério e tomou Pavia, sendo recebido com grande solenidade por Adriano em Roma, onde o monarca francês ratificou ao Papa a doação que em 734 fizera Pepino. Por sua vez Adriano confirmou a Carlos Magno o título de patricio romano. Sob seu pontificado celebrou-se o II Concílio Ecumênico de Nicéia em 787. Larousse XXeme Siècle, pág. 262, vol. I.

bizantinos. Também foi o primeiro que mandou cunhar sua própria moeda.

Bizâncio não viu com bons olhos os francos em volta do Papado. A coroação imperial de Carlos Magno foi considerada como deserção e mesmo como traição do Papa, pois como já dissemos, Roma pertencia de direito ao Império Romano do Oriente, embora os problemas internos e externos do mesmo não oferecessem possibilidades nem sequer de proteção ao Papado.

Duas grandes forças se chocaram, de um lado o Império Bizantino decadente e fraco, que se sentia portador e herdeiro tanto da cultura greco-romana, como da ortodoxia, do outro o Ocidente cristão em plena formação, utilizando-se do Papado fraco e desprotegido, apoiando-se no Império Carolíngio forte, porém, sem tradição, necessitando de reconhecimento ecumênico para sua evolução.

Aí nasceu o **cisma** entre a Igreja grega e a latina que precedeu ao VIII Concílio Ecumênico, que não foi causado apenas pelo conflito entre um papa ocidental, fortemente amparado e protegido pelo Imperador franco e cômulo de sua primazia e um patriarca oriental douto, porém ambicioso.

*

VIII CONCÍLIO ECUMÊNICO — IV DE CONSTANTINOPLA.

Mais uma vez Constantinopla serviu de sede para mais um Concílio. Será o último realizado no Oriente; foi convocado pelo imperador de Bizâncio. Dessa época em diante os Concílios terão entre outras características: a de serem realizados no Ocidente e a convocação ser feita pelo Papa.

O problema que motivou este Concílio girou em torno de um nome — Fócio (72), que foi nomeado Patriarca de

(72). — Fócio — patriarca de Constantinopla, nasceu em 827 e morreu em 898. Era alto palaciano e ligado por parentesco, por seu irmão, com a imperatriz Teodora; recebeu ordens precipitadamente, pouco antes de sua elevação ao Patriarcado, depois da deposição ilegal e consequente desterro de Inácio em 858, por vontade do imperador Miguel e do regente Bardas; mas sua consagração não foi aprovada pelo papa Nicolau I, a quem Inácio havia recorrido. Por isso Fócio convocou um Concílio em Constantinopla, no qual, aproveitando-se de ressentimentos e antigas rivalidades, afirmou a igualdade dos Patriarcas do Oriente com os pontífices romanos e acusou de heterodoxia a Igreja de Ocidente, ressuscitou a batalhada questão do filioque (já tratada no II Concílio Ecumênico de Constantinopla, realizado em 381. A introdução do filioque é usada

Constantinopla pela demissão forçada de seu predecessor Inácio (73), que se mostrou irredutível na renúncia da sua jurisdição à Itália do Sul e à Dalmácia.

O papa Nicolau I (74) negou-se a reconhecer Fócio e o condenou num sínodo romano; entretanto, vai haver uma série de mudanças político-administrativas que transformarão completamente o cenário da época.

Fócio, em virtude de terem chegado a Bulgária legados papais, ficou preocupado com seus direitos patriarcais; por isso preparou uma defesa através de uma carta circular dirigida aos outros patriarcas do Oriente, na qual acusava o Papa e a Igreja ocidental de falsificação da fé ortodoxa pela introdução do **filioque** no símbolo do Credo e de erro na doutrina de purgatório, entre outras acusações.

ainda hoje, na liturgia romana da Santa missa) inclusa no texto do Credo. Excomungado pelo Papa em 863 e após a morte de Miguel e Bardas, foi Fócio deposto em 867, no tempo de Basílio-o-Macedônio, que queria congregar-se com Roma, por isso Inácio voltou a cátedra de São Pedro. Quando este morreu em 878 voltou Fócio a ser Patriarca, porém, acentuando suas divergências com a Igreja ocidental, foi excomungado por Leão VII, sendo este o motivo do Cisma do Oriente. Fócio foi deposto em 886 pelo imperador Leão V, desejoso de nomear Patriarca a seu próprio irmão, Estéfano, e morreu num mosteiro. Era homem de grande erudição. Deixou numerosa coleção de extratos de autores clássicos: Myriobiblon e um Epistolário muito importante. Salvat, op. cit., pág. 818, vol. VI.

(73). — Inácio — patriarca de Constantinopla em 878. Era o mais moço dos filhos do imperador Miguel I. Pela queda deste príncipe, foi mutilado e encerrado em um mosteiro. Contudo, em 846, por ocasião da morte de Metódio, foi Patriarca de Constantinopla. Mas, tendo excomungado Bardas, irmão da imperatriz Teodora, por causa de sua vida escandalosa, foi exilado em 857. Fócio, pôsto em seu lugar no Patriarcado de Constantinopla, não cessou durante dez anos de o encher de ultrajes. O papa Nicolau I tomou a sua defesa, mas as reclamações da Santa Sé não foram ouvidas senão em 867 pelo imperador Basílio. Restabelecido na sua diocese, Inácio assistiu ao VIII Concílio Ecumênico em 869, no qual Fócio e seus partidários foram excomungados.

(74). — Nicolau I — Papa de 858 a 867. Eleito em 858, foi coroado solenemente e parece que foi ele quem tomou a iniciativa desta cerimônia ser realizada imediatamente após a eleição, uso que foi seguido até hoje. No Ocidente impôs a Hinemar, metropolitano de Reims, a autoridade suprema da Santa Sé. afirmou enérgicamente o direito de julgar os reis, e na questão do divórcio de Lotário II, rei de Lorena (862-865), obrigou a este príncipe a dar satisfações a Roma. No Oriente esforçou-se por diminuir a influência dos gregos; e, quando Fócio substituiu o Patriarca Inácio (868), não hesitou em entrar em luta com ele. Avocou a questão para Roma, excomungou Fócio no Concílio de Latrão (863), tratou altaneiramente o imperador, reclamando para a Igreja de São Pedro a autoridade suprema sobre toda a Igreja. O conflito degenerou no Concílio de Constantinopla (867) para um cisma declarado. Todavia, quando morreu, aumentara poderosamente a autoridade pontifícia. Deixou cartas interessantíssimas. Enciclopédia e Dicionário Internacional, pág. 209, vol. XI.

Além disso, num sínodo de Constantinopla excomungou Nicolau I. Estava desencadeado o Cisma (75).

“Algumas semanas depois Fócio, em consequência de uma mudança no trono bizantino oriunda do assassínio de Miguel III (76) e ascensão de Basílio I, o Macedônio (77) ao trono, voltou a ocupar a sede patriarcal. Logo

-
- (75). — Cisma dos gregos ou Cisma do Oriente — Desde o século V apareceram germens da divisão entre os dois grandes ramos da Igreja católica: um que compreendia os cristãos orientais — que falavam a língua grega e outro que compreendia os ocidentais — que falavam a língua latina. As ambições dos Patriarcas de Constantinopla, as antipatias de raça e as divergências em matéria de disciplina, prepararam o desacôrdo. O concílio grego in Trullo ou Quinisexto (691-692), permitindo o casamento dos padres no Oriente e a rejeição pelos gregos da adjunção da palavra filioque acrescentada pelos latinos ao símbolo de Nicéia (Credo), envenenaram a questão. Em 863, o papa Nicolau I excomungou Fócio, Patriarca de Constantinopla, definitivamente deposto em 888 pelo imperador Leão VI. Um outro patriarca, Miguel Cerulário renovou a questão em 1053. Foi excomungado pelo papa Leão IX e este, por seu turno, foi excomungado por Cerulário, apoiado por todo o episcopado grego. O cisma consumou-se novamente. E' certo, porém, que não há desacôrdo entre as duas Igrejas nos pontos essenciais de fé, embora os gregos continuem separados dos latinos, à parte algumas facções orientais (gregos unidos) que regressaram à Igreja Católica — *Lello Universal*, pág. 1022, vol. 4.
- (76). — Miguel III — Denominado o ébrio. Imperador bizantino (842-867). Muito jovem ainda quando sucedeu a seu pai Teófilo, reinou primeiro sob a regência de sua mãe Teodora e de seu tio Bardas, que terminaram com a questão dos iconoclastas, restaurando a ortodoxia no Sínodo de 834, e acabaram a submissão e a conversão dos eslavos do Peloponeso em 849. Todavia, neste reinado os árabes continuaram a conquista da Sicília e devastaram a Ásia. A maioridade de Miguel III acarretou a retirada de Teodora em 856; mas o jovem soberano entregou o poder a César Bardas (patrício bizantino, irmão de Teodora, mulher do imperador Teófilo. Foi, por este parentesco, nomeado tutor de Miguel III, quando morreu o imperador. Aproveitando-se dos vícios e incapacidade do pupilo para governar. Reformou útilmente as leis e a Universidade de Constantinopla. Aspirava ao trono, em 866, quando a revolta de um outro favorito, Basílio, o perdeu. Foi morto por ordem do imperador) que repeliu o ataque dos russos cuja armada ameaçava Bizâncio em 860; conteve os árabes, graças às vitórias de seu irmão Petronas em 863, e conquistou o tsar búlgaro Boris para o Cristianismo e para a influência bizantina em 864. No interior, instituiu no palácio de Magnaura, uma Universidade que chegou a ser muito florescente. Com a luta em que se empenhou com o patriarca Inácio, provocou graves acontecimentos: Inácio foi deposto em 858, sendo substituído por Fócio e este, entrando em conflito com o papa Nicolau I, trouxe o Cisma em 863. Durante esse tempo, Miguel III preteriu Bardas por um nôvo favorito, o macedônio Basílio, que assassinou Bardas com a cumplicidade do imperador em 866, e tornando-se César e associado ao trono, desembaraçou-se pouco depois, por um assassínio, de Miguel III em 867. *Enciclopédia e Dicionário Internacional*, pág. 216, vol. X.
- (77). — Basílio I-o-Macedônio — Imperador bizantino, fundador da dinastia macedônia, nasceu em Andrinopla e morreu em 886. De origem obscura, soube conquistar a proteção de Miguel III ao casar-se com a amante deste. Depois de se ter desembaraçado do seu rival, o César Bardas em

depois, a 13 de novembro de 876, morria também Nicolau I, que foi pelo cronista Regino de Pruem chamado de “um Segundo Elias no poder e no espírito” (78).

Fócio dentro de um pequeno espaço de tempo perdeu seu protetor e seu antagonista.

O papa Adriano II (79) recebeu uma carta de Basílio I, na qual êste pedia que o mesmo colaborasse na extinção do Cisma e na reconstrução da ordem eclesiástica através de um Concílio.

Adriano, antes mesmo de responder ao Imperador, realizou na Sé de Pedro um sínodo em junho de 869, no qual confirmou as resoluções de Nicolau I; enviou três legados papais para Constantinopla, que presidiram o Concílio convocado pelo imperador, exigindo, entretanto, de todos os seus participantes a assinatura de um formulário garantindo a submissão ao primado do Papa em Roma.

O VIII Concílio Ecumênico, o quarto realizado em Constantinopla, é reconhecido como ecumênico somente pela Igreja Católica, não o sendo, porém, pela Igreja grega. Êle foi realizado na Igreja de Santa Sofia. Iniciou-se em 5 de outubro de 869, realizando dez sessões, sendo a última a 28 de fevereiro de 870.

Inicialmente as atas registraram a presença de poucos bispos, entretanto 102 bispos assinaram as atas das últimas sessões.

De Antioquia, Jerusalém e Alexandria chegaram legados de seus respectivos patriarcas, mas seus titulares não compareceram pessoalmente.

Como dissemos, Fócio e seus partidários foram o principal problema do Concílio. Nos dias 20 e 29 de outubro, ou melhor nas 5a. e 7a. sessões, Fócio esteve em plenário, porém recusou-se a assinar a submissão ao Papa, muito menos a admitir uma confissão de culpa e mais ainda, negou publicamente a competência jurídica do legado papal.

866, subiu ao trono assassinando Miguel em 867. O seu reinado abriu um período de reorganização e de grandeza para o Império Bizantino. *Enciclopédia e Dicionário Internacional*, pág. 205, vol. II.

(78). — Jedin, *op. cit.*, pág. 43.

(79). — Adriano II — Papa romano, sucessor de Nicolau I. Foi elevado ao Papado em 867, aos 76 anos de idade. Celebrou um Concílio contra Fócio e morreu em 872. *Larousse du XXeme siècle*, vol. 2, pág. 92.

O sínodo então sentenciou: “Anátema ao cortesão e ao intruso”. A maioria dos seus partidários tiveram o mesmo destino (80).

Este Concílio na sessão de encerramento aprovou 27 cânones que visavam impedir a repetição de novos acontecimentos em tórno de Fócio.

Foi confirmada pelo cânone 3 a liberdade de veneração das imagens. Através do cânone 21 foi estabelecida a seguinte hierarquia entre os patriarcas:

1. — O Papa de Roma.
2. — O Patriarca de Constantinopla.
3. — O Patriarca de Alexandria.
4. — O Patriarca de Antioquia e
5. — O Patriarca de Jerusalém.

Esta precedência de Constantinopla sôbre Alexandria era um velho sonho bizantino, só foi conseguido de Adriano II por Basílio I, o Macedônio. Não devemos nos esquecer também que politicamente o Papado passava por um período de declínio, ameaçado pelos sarracenos, abandonado pelos carolíngios, em franco processo de desintegração. Em oposição, Bizâncio atingia o seu apogeu, oferecendo melhores possibilidades de proteção ao Sólido Pontifical.

Fócio só foi novamente elevado ao Patriarcado, após a morte de Inácio.

A administração da Igreja não passava de um joguete do patriciado romano, do qual só se libertará por um movimento de reforma iniciado em Cluny.

“A Igreja grega tirou nova fôrça da restauração política e cultural que o Império Bizantino experimentou durante o reinado dos imperadores macedônios. Ela fortaleceu sua influência sôbre os Balcãs e a Itália do Sul; seu maior êxito foi, no entanto, ter obtido a adesão da Rússia.

“Uma luta de importância relativamente menor em tórno da jurisdição na Itália do Sul provou, sob o patriarcado de Miguel Cerulário (81) a questão de Fócio. Foi

(80). — Jedin, op. cit., pág. 44.

(81). — Miguel Cerulário — Patriarca de Constantinopla, nasceu em princípios do século XI, morreu em 1058, tendo ocupado o Patriarcado de 1043 a 1058. Sua inimizade com a Igreja romana fêz com que se consumasse a separação da Igreja grega. Morreu desterrado por ordem de Isaac Comneno, a quem havia ajudado a subir ao trono. Larrousse du XXeme siècle, pág. 69, vol. I.

excomungado pelo papa Leão IX, e éste, por seu turno, foi excomungado por Cerulário, apoiado por todo episcopado grego.

“O Cisma consumou-se novamente. E’ certo, porém, que não há desacôrdo entre as duas Igrejas nos pontos essenciais de fé, embora os gregos continuem separados dos latinos, à parte algumas facções orientais (gregos unidos) que regressaram à Igreja Católica.

“A 16 de julho de 1054, os legados papais Humberto, Frederico de Lorena e Pedro de Amalfi collocaram no Altar da Igreja de Santa Sofia a bula de excomunhão com as seguintes palavras: que Deus o veja e julgue” (82).

(Continua).

JOSUE’ CALLANDER DOS REIS

Da Sociedade de Estudos Históricos.

(82). — Jedin, op. cit., pág. 45.